



SOCIOLOGIA FIGURACIONAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO NA IURD¹

SOCIOLOGY FIGURATIONAL: CONTRIBUTIONS TO THE STUDY IN UCKG

Nelson Lellis ²

Resumo:

A Sociologia Figuracional (SF) tem sido acessada largamente no campo das Ciências Sociais e da História no Brasil. No presente artigo, faz-se uso do referido aporte teórico para as Ciências da Religião/Teologia. Verificando a identidade através de um processo de longa duração, conclui-se que só é possível estudar o presente mediante os processos de transformação na história. No caso da IURD, verificar-se-á a conduta neo-judaica a partir do novo Templo de Salomão (TdS) na cidade de São Paulo. Ele configuraria uma nova dimensão para se estudar a possibilidade de uma sobrepeliz identitária, uma espécie de *segunda natureza* (habitus), um saber social incorporado.

Palavras-chave: Sociologia Figuracional; Segunda Natureza; IURD; Templo de Salomão.

Abstract:

Sociology figurational (SF) has been widely accessed in the field of Social Sciences and History in Brazil. In this article, makes use of that theoretical framework for the Religion / Theology Sciences. Checking the identity through a long process, it is concluded that it is only possible to study the present by the transformation processes in history. In the case of the UCKG, check shall be the neo-Jewish behavior from the new Solomon's Temple (ST) in São Paulo. It would set a new dimension to study the possibility of identity surplice, a kind of second nature, corporate social knowledge.

Keywords: Sociology Figurational; Second Nature; UCKG; Solomon's Temple.

Introdução (ao pensamento da sociologia eliasiana)

A obra sociológica de Norbert Elias nasce em contextos de exílios e intercâmbios intelectuais diversos.³ Sua mais destacada obra foi escrita em alemão, ajudado por um comitê de refugiados, a saber: *Über den Prozeß der Zivilisation (O Processo Civilizatório)*, publicado originalmente em dois volumes (1939).

No primeiro volume, Elias discute a sociedade oriental pós-medieval. A *civilização* a que o ser humano ocidental alcança através de modelos comportamentais faz com que o povo *civilizado* julgue tempos passados e outros povos como *não civilizados*. A manutenção desses modelos

¹ Enviado em: 20.02.2018. Aceito em: 29.05.2020

² Doutorando em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); Mestre em Ciências das Religiões. Especialista em Ensino Religioso e graduado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória. Ator e Diretor de Teatro. E-mail: nelsonlellis@gmail.com.

³ ELIAS, Norbert. *Norbert Elias Por Ele Mesmo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001a. p. 94-95.

comportamentais se dá pelo “processo psíquico civilizador”⁴, onde a estrutura social determinará o agir do indivíduo formando neste um novo *habitus*, de modo que se instale em sua consciência uma *segunda natureza*. Essa segunda natureza é também conhecida como “saber social incorporado”⁵. Elias observa como esse processo de civilização é gradual, no qual “o indivíduo, em sua curta história, passa mais uma vez através de alguns dos processos que a sociedade experimentou em sua longa história”⁶. Aqui, a Sociologia Eliasiana (SE) proporrá um estudo de *longa duração*, o que efetivaria a compreensão da sociedade hodierna, considerando que a estrutura da sociedade ocidental muda constantemente e, em consequência disto, o padrão comportamental, alterando, assim, a constituição psíquica do indivíduo.

A ideia de *longa duração* para a construção do homem serve como elo para o segundo volume de *O Processo Civilizador*. A sociedade é compreendida como civilização dos costumes e precisa ser percebida através de um olhar mais amplo da história lançando mão de outras ciências. É aqui que Elias criticará o isolamento da psicologia, da sociologia e da história, como ciências fechadas em si mesmas, pois para entender o processo de civilização, a interdisciplinaridade se torna necessária.⁷

Em *O Processo Civilizador*, Elias inaugura a chamada Sociologia Figuracional (SF) – estudo sobre o resultado das interações sociais.⁸ Em outras palavras, a SF defende que a relação entre os indivíduos gesta o formato de determinada sociedade. Neste estudo das relações humanas pela SF não há uma visão estática, pois conflui para contínuos processos de transformações.⁹

No caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), verificar-se-á a conduta neo-judaica a partir do novo Templo de Salomão (TdS) na cidade de São Paulo. Ele configuraria uma nova dimensão para se estudar a possibilidade de uma sobrepeliz identitária, uma espécie de *segunda natureza*, um saber social incorporado.

Da sociologia figuracional

Para essa pesquisa sobre mudanças comportamentais, o foco é direcionado para vasculhar as construções e mutações identitárias, bem como as alternâncias de poder, sendo analisadas sob a ótica da evolução de longa – ou muito longa – duração. Consequentemente, a partir das diferenças de determinados gestos, ritos ou comportamentos que *fazem* parte da esteira histórica, compreender o presente, *i.e.*, só é possível mensurar o conhecimento das (trans)formações sociais de hoje olhando para as estruturas do passado e as filiações que delas foram gestadas.

Corroborando o princípio acima apresentado, uma de suas exigências para a pesquisa era a *comparação*, compreendida em três escalas: em um primeiro momento, se permite distinguir os

⁴ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador, vol. I: uma história dos costumes*. Trad. Ruy Junman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a. p. 14.

⁵ DUNNING, Eric e MENNELL, Stephen. “Prefácio à edição inglesa”. In: ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 9.

⁶ ELIAS, 1994a, p. 15.

⁷ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador, vol. II: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b. p. 10.

⁸ CAPDEVIELLE, Julieta. La Sociología Figuracional de Norbert Elias y El Estructuralismo Genético de Pierre Bourdieu. *Aposta – Revista de Ciencias Sociales: encuentros y desencuentros*. N. 52, Enero, Febrero y Marzo 2012, p. 4.

⁹ PILATTI, Luiz Alberto. Et al. Norbert Elias e Eric Dunning: Estudos sociológicos acerca do desporto e do lazer. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, v. IX, n. 1, ene. – Abr./2007. p. 1.

diferentes funcionamentos da mesma forma social no interior de sociedades comparáveis e contemporâneas.¹⁰ Em segundo, as *comparações distantes*, onde se é possível mostrar efeitos idênticos da mesma forma social no interior de sociedades bastante afastadas no tempo e no espaço.¹¹ E, por fim, *comparar* os contrapontos das formas de funcionamentos sociais.¹²

Diante tais informações teórico-metodológicas, a IURD poderia ser situada nesta plataforma para análise de seu novo momento. Em seguida, portanto, as três escalas supracitadas serão úteis na comparação do TdS e seus efeitos como objeto de tal estudo.

a) Comparação interna dos templos da IURD:

Na SE é possível fazer diferença entre membros de grupos reunidos em um “mesmo lugar”.¹³ Seguindo o critério desta sociologia, o primeiro passo seria observar as mudanças internas responsáveis em apontar o processo de transformação identitária da IURD, relacionando-a finalmente ao TdS. Introdutoriamente, torna-se importante registrar que, embora a IURD comporte em sua teologia – e, conseqüentemente, em sua liturgia – elementos da religiosidade local tão diversificada, como da igreja católica, afro-brasileiras, judaicas, protestantes e outras tradições consideradas “pagãs”, há, segundo Campos, certa padronização de símbolos e rituais (ressignificados) dessas religiões em ritmo dramático em todos os seus templos¹⁴, exceto no TdS. Essa normatização seguiria também a formação de obreiros e pastores, campanhas de fé etc.¹⁵ Como o foco desta pesquisa não abre espaço para imergir nos detalhes mencionados, as imagens abaixo tornariam possível a *comparação* entre os templos/catedrais da IURD e o TdS, uma vez que trazem características que demonstram claras diferenças:

¹⁰ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte – investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Trad. Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001c. p. 86-87, 113, 196-197.

¹¹ ELIAS, 2001c, p. 9.

¹² ELIAS, 2001c, p. 85-86, 129-130.

¹³ ELIAS, 2001c, p. 112-113.

¹⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 72-73, 87.

¹⁵ CAMPOS, 1999, p. 76.



Fig. 1

Catedral da Fé em Pernambuco – Recife.¹⁶



Fig. 2

Catedral Mundial da Fé no Rio de Janeiro.¹⁷



Fig. 3

Catedral da IURD em Nova York – EUA.¹⁸

Campos registraria em uma seção de sua obra o que havia em comum nas fachadas dos templos (catedrais) da IURD: o moto “*Jesus Cristo é o Senhor*”, o logo “*Igreja Universal do Reino de Deus*” e, ao lado, o “insubstituível símbolo iconográfico, um coração vermelho e dentro dele uma pomba branca em pleno voo, ambos estilizados”¹⁹. Ainda que a arquitetura de cada um seja diferente do outro, apresenta-se, por meio da referida legenda (“*Jesus Cristo é o Senhor*”), uma identidade normatizada do espaço sagrado, esteja ele no Brasil ou nos quase 200 países em que se faz presente.

Fazendo uso do primeiro elemento sobre *comparação* da SE, a distinção fica bem nítida quanto à ausência das três características dos templos iurdianos (“*Jesus Cristo é o Senhor*”, “*Igreja Universal do Reino de Deus*” e o símbolo do coração vermelho com a pomba em pleno voo) diante do TdS em São Paulo, como pode ser percebido a seguir:

¹⁶ Disponível em: <<https://iurdenderecos.wordpress.com/about/estados-unidos/>>. Acesso em: 10 de set. de 2015.

¹⁷ Disponível em: <<https://iurdenderecos.wordpress.com/about/estados-unidos/>>. Acesso em 10 de set. de 2015.

¹⁸ É possível ver a fachada de várias igrejas espalhadas pelo mundo com as características já apresentadas: <<https://iurdenderecos.wordpress.com/about/estados-unidos/>>, acessado em 10 de setembro de 2015.

¹⁹ CAMPOS, 1999, p. 75-76.



Fig. 4
Fachada do TdS em São Paulo.²⁰



Fig. 5
À porta do TdS, levitas recepcionam.²¹

A fachada interessa-se em causar deslumbramento pelos pórticos de entrada, pela iluminação (à noite; fig. 4) e pelas portas cujos membros/frequentadores são recepcionados por obreiros, agora consagrados *levitas* (fig. 5). Não há mais o moto iurdiano na fachada, mas próximo à entrada do TdS, inscrita em um bloco de pedras *taltishe* trazidas de Hebron (Cisjordânia), encontra-se a referência bíblica de 2 Crônicas 7,15-16 que fora retirada do Primeiro Testamento:

Elementos judaicos e referências a lugares bíblicos já eram utilizados na IURD, como o “candelabro de sete velas”, “pedras do Sinai”, “cajado de pastor”, “águas do rio Jordão”, além de estruturas cênicas e linguagem apropriada para o jogo da comunidade.²² Todavia, esses movimentos simbólicos seriam padronizados nos templos iurdianos para correntes de fé, o que não ocorreria com o TdS no sentido de normatização. Os elementos utilizados ali (TdS) seriam intrínsecos às campanhas e movimentos litúrgicos. Haveria, portanto, um estancamento tanto da estética do templo quanto das funções dentro dele, dos movimentos litúrgicos e das campanhas de fé.

b) Comparação distante: da união emocional pelos símbolos:

A segunda escala da *comparação* para Elias preconiza o *distanciamento*. Esse tipo de comparação é responsável por mostrar “efeitos idênticos” no interior de sociedades bastante afastadas no tempo e no espaço. Neste caso, a IURD (TdS) e os eventos bíblicos ressignificados e trazidos à baila com o interesse de reviver as experiências místicas (ou imaginadas para determinado fim doutrinário naquela comunidade). Esses “efeitos idênticos” não passariam de uma memória provocada. Memória como autoridade. Todavia, para um entendimento mais aclarado, a IURD deve ser analisada pelas lentes que utiliza para enxergar o Primeiro Testamento e, a partir disto, ser o que é no uso hermenêutico que se faz do texto sagrado no TdS.

Para o cientista social J.C.P. Carvalho, o imaginário possui dois polos: o *idiográfico* ou *ideário* e o *arquetípico* ou *imaginário*.²³ Aspectos como cultura, padrões de conduta, códigos, normas etc., estariam compreendidos no primeiro polo. Já o segundo envolveria a *afetividade*, a vivência das imagens simbólicas, a mitologia, o onirismo coletivo, as práticas rituais etc. Ambos os polos são conectados através de funções simbólicas. O último – o que mais se aproximaria a esta

²⁰ Disponível em: <<http://sites.universal.org/templodesalomao/o-templo>>, acesso em 10 de setembro de 2015.

²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/templodesalomao/photos/pb.110315615730891.-2207520000.1442687593./709333612495752/?type=3&theater>>, acesso em 10 de setembro de 2015.

²² CAMPOS, 1999, p. 76-77.

²³ CARVALHO, José Carlos de Paula. *Imaginário e mitologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida*. Londrina: Ed. da UEL, 1998, 1998. p. 401.

pesquisa – situaria a união dos símbolos judaicos reutilizados pela IURD no TdS numa plataforma afetiva.

c) *Da comparação dos contrapontos sociais:*

Contrário ao que se pensa dos versículos de Crônicas, tanto o primeiro quanto o segundo livro (Cr) possuem pouquíssimos elementos históricos. Seu alto valor encontra-se nas fontes referentes aos “costumes e usos, instituições e cargos e às concepções teológicas e éticas da comunidade judaica pós-exílica”.²⁴ O texto de 2 Cr. 7.15-16 abordaria, portanto, não sobre o primeiro, mas sobre o segundo templo. Salomão tornara-se – assim como Davi – modelo de reestruturação da comunidade de Yahweh e da liturgia cúltica.

Paralelamente à leitura do texto acima, de acordo com a ótica histórico-social, o TdS (bíblico) abarcava em torno de si um outro *modus vivendi*. Tratava-se de um modelo “cidade-templo”²⁵.

Baseado em textos de Lagaš, fornecidos pelo assiriólogo Anton Deimel, pesquisas feitas pela economista Anna Schneider nos anos 1920/30 ajudaram a formular hipótese de uma cidade-templo – onde os templos exerceriam grande influência política, religiosa e de (re)distribuição de bens sobre o conjunto da sociedade.²⁶ E mesmo sob críticas e reformulações, duas questões tornam-se relevantes para o sustento parcial da tese: 1) a urbanização inicia com um templo religioso no centro. O templo serve de referência para organização das famílias gerando dependência destas em relação aos deuses do templo para a produção de alimentos através da magia (rezas, sacrifícios e outros rituais responsáveis pela manutenção do mito)²⁷ e da (re)distribuição dos mesmos (visto que o *templo* era o grande proprietário das terras cerealíferas, cabia ao trabalhador devolver a produção para que pudesse ser, ali, administrado)²⁸; 2) estudos arqueológicos demonstram que a “cidade-Estado dependia, de alguma maneira, da economia templária (...) cuja produção destinava-se às necessidades da administração central e ao mecanismo distributivo”²⁹.

A identidade nacional seria determinada, portanto, através de uma *estrutura central* e toda a tentativa de comportamento patológico seria coagida pelo *olho do templo*. Destacar-se-ia, e.g., que pelo lado do grupo sacerdotal, haveria um jogo político de dominação; pelo lado do povo, uma obediência cega ao templo que o fazia incorporar um *modus vivendi* relacionado à dependência para *sobrevivência* (do povo) em relação ao templo. Isto posto, seria pela voz do profeta individual (e não o cúltico, nem o da corte) que o povo tentaria furar o bloqueio desse “nós-ideal”.

Na construção feita em São Paulo pela IURD, a preocupação é “fornecer indícios de uma relação minimamente autêntica com um passado vivido”³⁰ e ressignificado conforme um “projeto de controle”. Além desse interesse a partir do TdS,

²⁴ GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no tempo dos persas: séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2014. p. 169.

²⁵ BOUZON, Emanuel. *O templo, o palácio e o pequeno produtor na baixa Mesopotâmia Pré-Sargônica*. Cadmo - Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, n. 4/5, 1995. p. 38.

²⁶ REDE, Marcelo. *Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 26.

²⁷ BOUZON, 1995, p. 35.

²⁸ LIVERANI *apud* BOUZON, 1995, p. 35.

²⁹ BOUZON, 1995, p. 44-45.

³⁰ MAFRA, Clara. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. Rio de Janeiro: *Revista Mana*, vol. 17, n. 3, 2011. p. 618.

Edir Macedo procura superar as ambiguidades entre objeto sacro e objeto cultural que tanto incomoda seus pares evangélicos. Para não estabelecer equivalência entre os seus objetos sacros e os objetos de outros cultos, boa parte dos quais considerados fetichistas, Macedo opta por celebrar uma história de dimensões não humanas.³¹

No enredo analisado e registrado em 2011 pela antropóloga Clara Mafra, o interesse do Bispo Edir Macedo seria de trazer, dos vários séculos esquecidos, sentidos mais autênticos do judaísmo. Estes valores – considerados verdadeiros do culto judaico – aterrissariam no bairro Brás, periferia do capitalismo, onde moram trabalhadores migrantes. Portanto, tratar-se-ia de certa conveniência aproximar seus rituais cúlticos a características marcantes do capitalismo contemporâneo, “especialmente neste seu caráter arbitrário e fugidio de deslocamento dos centros de produção da riqueza”³².

Após a inauguração do Templo em São Paulo, parece que a leitura da antropóloga comunga ao enquadramento de se utilizar uma narrativa mitológica, fundamentada num monumento que existiu, como projeto de controle da massa (sendo ela) inclinada a episódios veterotestamentários reinterpretados. A reinterpretação explicita os contrapontos sociais. Em vista disso, os membros/frequentes do TdS poderiam ser identificados – até aqui – neste artigo como aqueles que vivem em torno do Templo, mas tendo as narrativas mitológicas do Primeiro Testamento como ferramentas plenamente eficazes também para o prazer do fiel e não apenas para o prazer do “Templo”.

Do verbete *figuração*

Em 1986, quatro anos antes de seu falecimento, Elias escreveu para um léxico de sociologia³³, publicado na Alemanha, três verbetes que registravam o conteúdo de seu pensamento. Os cientistas sociais Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort, organizadores do primeiro volume de *Escritos & Ensaios*, sintetizam, em sua apresentação, o primeiro capítulo que aborda sobre os verbetes que protagonizam os “conceitos sociológicos fundamentais” da SE:

Os três verbetes cobrem exatamente o fulcro da empreitada sociológica do autor, encomendados sob medida para que ele, em poucas páginas, sintetizasse seu pensamento e expusesse os conceitos fundamentais que orientam suas investigações. “Civilização”, “Figuração” e “Processos sociais” permitem amarrar toda a sociologia eliasiana e, ao mesmo tempo, revelam por inteiro seus posicionamentos no interior do campo disciplinar.³⁴

Os verbetes destacados abarcam muito mais do que seus conceitos fundamentais, falam da vida social de Elias e sua perspicácia em avançar as fronteiras da disciplina.³⁵ Como apresentado por Neiburg e Waizbort, “civilização”, “figuração” e “processos sociais” não se encontram apenas no léxico. Destarte, suas obras estão permeadas por estas palavras.

Dentre os conceitos que Elias criou, destaca-se o de *figuração* (ou *configuração*). Este termo foi cunhado como contraponto da noção de *homo clausus* (indivíduo autônomo em relação com a sociedade):

³¹ MAFRA, 2011, p. 618.

³² MAFRA, 2011, p. 618.

³³ ELIAS, Norbert. “Figuration”, “Soziale Prozesse” and “Zivilisation” In: SCHÄFFERS, Bernhard (Ed.). *Grundbegriffe der Soziologie*. Opladen: Leske & Budrich, 1986. p. 88-91, 234-41, 382-87.

³⁴ NEIBURG e WAIZBORT apud ELIAS, 2006, p. 8.

³⁵ ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaios*. v. 1: Estado, processo e opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7.

O conceito de figuração, em contraposição, busca expressar a imagem do ser humano como personalidade aberta, aquele que possui algum grau de autonomia em face das outras pessoas (nunca uma autonomia completa), mas que, na realidade, é fundamentalmente orientado para as outras pessoas e depende delas – o que liga os seres humanos é justamente a rede de interdependências. A figuração – conceito que, na visão de Elias expressa o que é chamado de “sociedade” – seria, portanto, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes.³⁶

Nas palavras de Wiese, figuração “é uma pluralidade de relações sociais, ligadas de modo a serem consideradas, na vida prática, como unidade”³⁷. Esta formação social pode se dar num grupo de jogadores de um carteadado, um grupo para degustação de café ou vinho, uma classe escolar, uma aldeia, uma cidade, uma denominação religiosa, uma nação etc., tudo aquilo que indica a ligação *uns aos outros* através de um modo específico de interdependência.³⁸ Os jogadores criam um padrão mutável em suas relações e é por isso que o termo *figuração* apresenta-se como uma alternativa para designar algo não fixo, o que para outros autores seria compreendido como estrutura.

É aqui que Elias se distancia de Freud e também do sociólogo estadunidense Talcott Parsons, por acreditar em um ser humano dependente da estrutura social. Freud, *e.g.*, havia observado certas características marcantes da estrutura da personalidade das pessoas em seu próprio tempo, chegando à conclusão de que sempre existiram como partes de uma natureza humana imutável – verdadeira para todos os tempos. Elias entendia que o que determinava a conduta, a personalidade, eram os saldos e os conflitos entre as unidades das pessoas – que são maleáveis – e os comandos de acionamento que já foram construídos no meio da experiência social desde o nascimento.³⁹ Elias acusa a teoria parsoniana por falhar no uso das ideias psicanalíticas, como em família, socialização e processo de interação e, especialmente, na Estrutura Social e da Personalidade, por basear-se no *homo clausus (idem)*. O sociólogo alemão insiste no conceito de figuração, em que aponta para a interdependência das pessoas, para isso, emprega o termo *homines aperti*, cujo caráter é aberto, orientado por outros indivíduos participantes das figurações.

Lançando mão deste termo, a pergunta “o que une as pessoas em figurações?” só poderá ser respondida se a separação entre indivíduo e sociedade for desfeita e a interdependência for considerada. Na obra *Introdução à Sociologia*, o autor coloca o problema das interdependências no centro da teoria sociológica. À questão acima elaborada, as *ligações sociais* descritas a seguir tentarão apontar a resposta:

a) *Ligações afetivas*: onde “o conceito de valências emocionais abertas, orientadas para os outros, ajuda à substituição da imagem do homem como *Homo Clausus*, pela imagem de indivíduo aberto”⁴⁰. Exemplificando esta ligação através da morte de uma pessoa amada, Elias procura desmontar a ideia de que a satisfação humana é plenamente sexual. Os afetos vão além e, biologicamente, as relações estão ligadas e abertas a várias modalidades/necessidades. Por isso, até mesmo a constituição biológica deve ser considerada socialmente. Deste modo, unidades menores

³⁶ SAVOIA LANDINI, Tatiana; PASSIANI, Enio. *Jogos Habituais*: sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. X Simpósio Internacional: processo civilizador. Campinas: Unicamp-FEF, 2007. p. 6-7.

³⁷ WIESE, L. As quatro categorias fundamentais: processo social, distância, espaço social e configuração social, 1933. In: BARRETO, R.; WILLEMS, E. *Leituras sociológicas*. São Paulo: Revista de Sociologia, 1940. p. 5.

³⁸ cf. ELIAS, 2001c, p. 13.

³⁹ MENNELL, 1989, p. 69-86.

⁴⁰ ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2008. p. 148.

(fatos que ocorrem entre duas pessoas) se conectam a unidades maiores através de símbolos, como bandeiras, imagens religiosas e todo o tipo de conceitos carregados de aspectos emotivos.

b) *Ligações políticas e econômicas*: a primeira função que caracteriza o objetivo comum dentro de determinada sociedade é a aliança que visa promover a não extinção da vida física. “Esta função de sobrevivência, envolvendo o uso da força física contra os outros, cria interdependências de determinado tipo”⁴¹, desempenhando um papel nas figurações sociais, a saber, as ligações ocupacionais (econômicas). Elias cita Marx como alguém que já havia trabalhado nesta direção, mas ainda com certa limitação, pois seus estudos compreendiam apenas um ponto de contato entre as classes trabalhadoras: os locais de produção. Para Elias, existiam “muitos outros níveis de integração que não os da fábrica”⁴², pois pessoas interdependentes a outros níveis se tornam cada vez mais dependentes do *centro* que as integra e as coordena em mutantes figurações. Sobre a questão de *poder do centro*, o seguinte verbete servirá para acompanhar o raciocínio da SE.

Do habitus como segunda natureza

Nesta seção, problematizar-se-á, como (ou se) a postura iurdiana neo-judaica no TdS, poderia ser aproximada ao conceito eliasiano de *habitus* (segunda natureza). Tendo em vista que a SE compreende o funcionamento da sociedade como indivíduos inseridos em uma teia de figurações, a IURD estaria alicerçada em várias dessas. Ainda que a identidade iurdiana seja percebida como fluida, segundo análise de Luci Ribeiro sobre a SF, cada identidade se mostra (de)limitada dentro de uma figuração.⁴³ Lançando mão deste recorte, a pesquisa procurará colher dados para melhor avistar se os frequentadores da réplica do TdS, carregariam em si certa forma judaica de se portar.

Restaria perguntar se, à vista dessas figurações, a IURD – exaustivamente estudada nos anos 1990 e assemelhada a instituições possuidoras de uma dinâmica de filiais, onde, inclusive, o bispo Edir Macedo havia criado uma escola/modelo (*habitus*) para pregadores – teria aqui a imagem de franquia desfeita com a construção do TdS, local onde obreiros e outros estariam desenvolvendo (ou já carregando) em si uma sobrepeliz identitária pretendida através do modelo da tradição judaica? (Vale ressaltar que o *habitus* não está no Templo, mas em pessoas que o frequentam) Ou o TdS é simplesmente um local de visitação, de atração turística, distanciando-se da ideia de se construir um *habitus* neo-judaico?

Elias valoriza o elemento histórico, o efeito das longas durações na constituição do *habitus*. Só suscitando uma análise a partir de outras gerações, uma sociedade poderia ser compreendida nos dias atuais⁴⁴, além de detectar as nuances e as clivagens do termo em questão. O *habitus* muda com o tempo porque “as fortunas e as experiências de uma nação (ou de seus agrupamentos constituintes) continuam mudando e acumulando-se”⁴⁵.

O indivíduo teria o *habitus* introjetado em si mediante sua participação numa figuração específica. Seria a partir desta relação, entre indivíduo e figuração (grupo), que a SE buscaria compreender o processo histórico do *habitus*. A diferença entre Bourdieu e Elias neste aspecto concentrar-se-ia na preocupação daquele na disputa entre os participantes no decorrer do jogo,

⁴¹ ELIAS, 2008, p. 152.

⁴² ELIAS, 2008, p. 157.

⁴³ RIBEIRO, Luci Silva. *Processo e figuração*: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. [Tese de doutorado] Campinas, SP: UNICAMP, 2010. p. 174.

⁴⁴ ELIAS, 1994a, p. 15.

⁴⁵ DUNNING e MENNELL, 1997, p. 9.

enquanto este, no resultado do jogo, ou seja, com o que prevaleceu da dinâmica do jogo social.⁴⁶ Em linhas gerais, pode-se dizer que *habitus* são características comuns a membros de uma comunidade ou nação.

Em vista disso, a sociedade e seus costumes não são estáticos. Nas palavras de Luci Ribeiro, “o estabelecimento de normas que regulem o convívio social não garante que elas sejam estáticas”⁴⁷. O tempo apresenta os novos modelos comportamentais que deixam de ser conscientes para se tornarem “segunda natureza”⁴⁸ – o que ratifica a ideia de que *habitus* é um *produto* da história em processo.⁴⁹ Segundo análise à SE de Clara Bravin, essa “segunda natureza” faz com que o comportamento do indivíduo se torne cada vez mais previsível, visto que, além dos controles externos, há a existência das regulações internas. Cada indivíduo regularia seu próprio comportamento, formando, assim, um “*habitus* psíquico” condicionado pelo acordo das coações e multiplicidade das ações sociais.⁵⁰ Todas as figurações passariam por esse desenvolvimento demonstrando em si mesmas mudanças na estrutura das personalidades (segunda natureza). A imagem do ser humano carregaria em si uma personalidade aberta (nunca completa), sendo orientada por outros indivíduos numa rede de interdependência.

A relação *habitus* (segunda natureza) e TdS

Através do conceito de *habitus* de que Elias fala, problematiza-se aqui o discurso e o comportamento litúrgico dos fiéis no TdS ao relacioná-los à postura neo-judaica/veterotestamentária como sua segunda natureza. Ao longo da observação delimitada da figuração (líderes e membros/frequentadores do TdS), seria possível realizar uma espécie de inventário de regras que se tornariam, com o tempo, um hábito social – chamado pelo sociólogo de “segunda natureza” (ou “saber social incorporado”).

No caso do TdS, existem símbolos judaicos que em outros templos da IURD não são utilizados (comumente), como *e.g.*: o uso da Arca da Aliança (onde se acreditava que estavam guardadas as Tábuas com os Dez Mandamentos), da *menorá* (candelabro), do véu e de outros utensílios. Além destes elementos justapostos evocados do Primeiro Testamento, estão os paramentos cúlticos adotados por pastores e obreiros da IURD, como podem ser vistos nas imagens a seguir:

⁴⁶ LANDINI e PASSIANI, 2007, p. 9.

⁴⁷ RIBEIRO, 2010, p. 9.

⁴⁸ ELIAS, 2006, p. 53.

⁴⁹ HERRERA, Sonia E. Reyes. *Reconstrução do Processo de Formação e Desenvolvimento da Área de Estudos da Religião nas Ciências Sociais Brasileiras*. [Tese de doutorado] Porto Alegre: UFRS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2004. p. 299.

⁵⁰ BRAVIN, C. *Contribuciones de la Teoría de Norbert Elías a la Sociología del Cuerpo y las Emociones*. In: Simposio Internacional Proceso Civilizador, 11, 2008, Buenos Aires. Anais... Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 3



Fig. 4
Foto: José Patrocínio A/E



Fig. 5
Foto: Instagram

A primeira imagem do Bispo Edir Macedo (fig. 4) é de 2007, antes de incorporar os símbolos do judaísmo. À direita (fig. 5), no TdS, verifica-se uma figura à moda sacerdotal, com o *talit* (acessório em forma de xale utilizado por judeus ortodoxos; manto de oração), *kipá* (submissão a um ente superior) e uma longa barba rabínica.

Já os obreiros e obreiras são chamados de *levitas*, “auxiliares dos sacerdotes”. Utilizam um figurino branco com faixas douradas, como se vê abaixo:



Fig. 6
Os *levitas* carregando a Arca da Aliança (cf. Nm 1.50; 1Cr 15.2).⁵¹

O número de obreiros e obreiras consagrados levitas (apenas) no TdS acontece de acordo com a demanda na “Casa do Senhor”. Segundo declarações do bispo Macedo, todos estes símbolos e títulos serviriam para motivar os fiéis a *reviverem* a fé dos homens do passado.⁵²

Considerações Finais

⁵¹ Disponível em: <<http://amigosdauniversal.blogspot.com.br/2014/08/levitas-carregam-arca-da-alianca-para.html>>. Acesso em: 01 de Jul. de 2015.

⁵² Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2014/07/23/por-que-a-universal-utilizou-simbolos-da-cultura-judaica-na-construcao-do-templo-de-salomao-30539.html>>. Acesso em: 22 de Jun. de 2015.

Neste artigo, pudemos observar que a SF se mostrou plenamente capaz em interagir não apenas com as Ciências Sociais e a História, mas também no campo das Ciências da Religião/Teologia dirigindo-se, especificamente, à nova estrutura templária da IURD.

Com o uso da SF, pôde-se notar algumas importantes clivagens acerca da identidade iurdiana a partir do TdS, visto que a análise é realizada mediante os efeitos de processos históricos. Seria muito prematura uma conclusão sobre o assunto, contudo a tarefa de catalogar as diferenças existentes entre os templos e os ritos dentro deles, bem como a quebra do modelo de franquia poderá ser realizada futuramente com um aporte etnográfico.

A IURD possui uma leitura repleta de ressignificações para atender à demanda de seus fiéis, sobretudo, no que tange às ideias econômicas. Traduz-se como algo possível que a fé de personagens bíblicos seja revivida em torno do TdS. Trocas de títulos, indumentárias, acréscimos de símbolos e mudanças estruturais indicam uma mudança veemente na identidade iurdiana.

Ainda que toda a hermenêutica da IURD sobre o TdS e personagens bíblicos possua sua peculiaridade quanto ao rigor sócio-histórico, ou análise das narrativas, interessa apenas registrar a proximidade de fiéis separados pelo tempo com o que pode ser identificado como um possível neo-judaísmo.

Referências

- BOUZON, Emanuel. *O templo, o palácio e o pequeno produtor na baixa Mesopotâmia Pré-Sargônica*. Cadmo: Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa, n. 4, v. 5, p. 29-51, 1995.
- BRAVIN, C. Contribuciones de la Teoría de Norbert Elías a la Sociología del Cuerpo y las Emociones. In: *Simposio Internacional Proceso Civilizador*, 11, 2008, Buenos Aires. Anais. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAPDEVIELLE, Julieta. La Sociología Figuracional de Norbert Elias y El Estructuralismo Genético de Pierre Bourdieu. *Aposta: Revista de Ciencias Sociales: encuentros y desencuentros*, n. 52, Enero, Febrero y Marzo, p. 1-23, 2012.
- CARVALHO, José Carlos de Paula. *Imaginário e mitodologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida*. Londrina: Ed. da UEL, 1998.
- DUNNING, Eric e MENNELL, Stephen. “Prefácio à edição inglesa”. In: ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- ELIAS, Norbert. “Figuration”, “Soziale Prozesse” and “Zivilisation” In: SCHÄFERS, Bernhard (Ed.) *Grundbegriffe der Soziologie*. Opladen: Leske & Budrich, 1986.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001c.
- ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaios. Vol. 1: Estado, processo e opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. *Norbert Elias Por Ele Mesmo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001a.

- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador, vol. I: uma história dos costumes*. Trad. Ruy Junman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador, vol. II: formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no tempo dos persas: séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.
- HERRERA, Sonia E. Reyes. *Reconstrução do Processo de Formação e Desenvolvimento da Área de Estudos da Religião nas Ciências Sociais Brasileiras*. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: UFRS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2004.
- LANDINI, Tatiana S.; PASSIANI, Enio. Jogos Habituais – sobre a noção e habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. *X Simpósio Internacional, Processo Civilizador*. Campinas, SP: UNICAMP/FEF, 2007.
- MAFRA, Clara. A “arma da cultura” e os “universalismos parciais”. Rio de Janeiro: *Revista Mana*, vol. 17, n. 3, p. 607-624, 2011.
- MENNEL, Stephen. *Parsons and Elias*. University of Exeter, UK. Published in translation in *Sociologie et société*, v.21, n.1, p. 69–86, 1989.
- PILATTI, Luiz Alberto. Et al. *Norbert Elias e Eric Dunning: Estudos sociológicos acerca do desporto e do lazer*. Revista de Economia Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/222>>, vol. IX, n. 1, fev./Abr., 2007.
- REDE, Marcelo. *Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- RIBEIRO, Luci Silva. *Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. [Tese de doutorado] Campinas: UNICAMP, 2010.
- SAVOIA LANDINI, Tatiana; PASSIANI, Enio. Jogos Habituais – sobre a noção de habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. *X Simpósio Internacional: processo civilizador*. Campinas: Unicamp-FEF, 2007.
- WIESE, L. As quatro categorias fundamentais: processo social, distância, espaço social e configuração social, 1933. In: BARRETO, R.; WILLEMS, E. *Leituras sociológicas*. São Paulo: Revista de Sociologia, 1940.